

# UM OLHAR ANTROPOSÓFICO SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: INTERAÇÕES, BRINCADEIRA E RITMO

Cyntia Olimpio de Oliveira<sup>1</sup>

Orientadora: Carolina Faria Alvarenga<sup>2</sup>

## RESUMO:

O meio em que vivemos estabelece uma relação direta de aprendizado influenciando o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional da criança. Este trabalho traz o olhar para o desenvolvimento na primeira infância que é permeado o tempo todo por brincadeiras e o universo lúdico. Aprofundar os conhecimentos presentes nessas relações e descobrir suas interações mais profundas trariam benefícios e relevantes mudanças nas condutas e rotinas de muitas instituições de Educação Infantil e de pais e mães, trazendo luz ao seu desenvolvimento. Esta pesquisa teve o objetivo compreender as influências do meio no desenvolvimento corporal da criança diante de uma perspectiva antroposófica. Para além da área da Educação, na Pedagogia, esse tema dialoga com os campos da Psicologia, por tratar do movimento do corpo humano e sua interação entre os corpos na sua fase inicial. Os cuidados e direcionamentos adequados nessa fase da vida podem evitar traumas, doenças, bloqueios, males e incômodos na vida adulta. Algumas respostas para esse comportamento das crianças são aprofundadas nos estudos da Antroposofia, analisando a trimemoração difundida por Rudolf Steiner com o estudo dos três sistemas existentes na composição do corpo físico: o sistema neurossensorial, sistema rítmico e sistema metabólico, onde percebemos uma preocupação e uma atenção voltada para o desenvolvimento físico da criança juntamente com o desenvolvimento anímico e espiritual, e tudo isso pauta as atividades propostas na Pedagogia Waldorf. Diante de tais movimentos, a corporalidade é vista de forma integral e atende grandes expectativas de crescimento e desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Educação infantil, desenvolvimento físico, criança, antroposofia, pedagogia Waldorf.

## 1 - Introdução

A Pedagogia com suas disciplinas e assuntos fascinantes sobre a educação, juntamente com o estudo da Antroposofia e Pedagogia Waldorf, chamaram minha atenção para um formato diferenciado de educação, sobre formas de conduta, posturas dos educadores e educadoras, metodologia bem destoantes daquilo que eu conhecia até então.

---

<sup>1</sup> Graduada do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail:cyntia.oliveira@estudante.ufla.br

<sup>2</sup> Pedagoga. Mestra e Doutora em Educação - Educação e Ciências Sociais: desigualdades e diferenças. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras – UFLA. E-mail: carol\_alvarenga@ufla.br.

Portanto, relato brevemente minha trajetória pessoal e profissional para justificar a escolha desse tema.

Trabalhando como diretora numa instituição de Educação Infantil, mas sem experiência nenhuma na área da educação, senti-me atraída a estudar e saber mais sobre o universo infantil e como se processa o desenvolvimento das crianças. Diante da necessidade de me aprofundar nesses conhecimentos, iniciei o curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal de Lavras - UFLA e paralelamente o Seminário de Pedagogia Waldorf<sup>3</sup> na Paineira Escola Waldorf, em que conceitos e abordagens muito diferentes dos trazidos pelas universidades me chamaram a atenção para também conhecer esse outro lado da Pedagogia.

Minha primeira graduação é Administração de Empresas, me formei na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, em 2004, e até então trabalhei nas áreas administrativa, financeira e de suprimentos. Tenho dois filhos, uma menina de 10 anos, Maria, e um menino de 6 anos, Bernardo. Em 2015, durante a licença maternidade do meu segundo filho, recebi um convite para abrir uma instituição de Educação Infantil. A proposta veio da minha irmã que hoje é minha sócia, devido a sua insatisfação com as instituições de Educação Infantil que o filho dela frequentava e sabendo também da minha insatisfação com meu trabalho na área administrativa. Esse convite mudou muito minha vida, não só profissionalmente, como também abalou emocionalmente minha vida pessoal. Assim, começamos nossa trajetória no universo da Educação Infantil e eu não mais retornei para meu trabalho na área administrativa.

Em julho de 2015, fizemos nossa primeira visita à Secretaria de Educação de Juiz de Fora e iniciamos a busca pelo imóvel que atendesse às exigências da Secretaria de Educação e às necessidades das crianças de primeira infância. Iniciamos uma corrida contra o tempo, pois queríamos abrir nossa instituição educativa em 2016 para que nossos filhos e filhas pudessem estar em nossa escola, mas para isso precisávamos da escola “pronta” em outubro para recebermos as primeiras matrículas.

---

<sup>3</sup> Seminário de Pedagogia Waldorf é um curso de formação de professores de quatro anos de duração, onde se estuda a antroposofia na educação. Ele é requisito para se ter habilitação para ser docente em uma escola Waldorf. O curso precisa ser reconhecido pela Federação de Escolas Waldorf no Brasil – FEWB.

Idealizamos uma escola que valorizasse o brincar, o contato com a natureza e que proporcionasse uma educação em que as crianças fossem respeitadas, vistas como seres individuais e que o desenvolvimento do ser de forma integral fosse prioridade. Assim nasceu o Centro Educacional Fernando Pessoa, onde adotamos os pressupostos teóricos do construtivismo por acreditarmos que seria a proposta que mais se aproximasse da escola que idealizávamos.

No ano seguinte, 2017, Daniela, minha sócia, conheceu a Paineira Escola Waldorf, em Juiz de Fora, onde matriculou seu filho, Pedro, que iria para o primeiro ano do Ensino Fundamental, etapa que não atendíamos em nossa escola. Diante disso, por intermédio dela, comecei a conhecer sobre a Pedagogia Waldorf. Nesse mesmo ano, iniciei o curso de Pedagogia, na modalidade a distância, na UFLA e, em 2018, já mais inteirada do processo diferenciado que a Pedagogia Waldorf apresentava, matriculei também minha filha Maria na Paineira Escola Waldorf. Assim, para compreender melhor essa visão antroposófica, comecei, em 2019, o curso em Pedagogia Waldorf na cidade de Juiz de Fora.

A Pedagogia Waldorf é uma concepção filosófica e pedagógica que tem como base a Antroposofia. A Antroposofia é uma ciência espiritual, que busca o conhecimento do ser humano, abrangendo praticamente todas as áreas da vida humana. Essa ciência foi criada por Rudolf Steiner (1861-1925), um filósofo austríaco. Uma das premissas de Steiner é o entendimento da composição do ser humano ser dividido em corpo, alma e espírito, no qual seu desenvolvimento acontece de forma interconectada, seguindo uma relação de ação e reação entre essas três dimensões.

Na sua práxis, a Pedagogia Waldorf aborda o desenvolvimento da criança com uma visão holística do ser, buscando sempre respeitar o tempo de cada criança considerando suas particularidades e atendendo as prerrogativas de cada fase de seu desenvolvimento. No Ensino Fundamental, sua metodologia é desenvolvida por meio do ensino por épocas de conhecimento, em que se busca internalizar o conhecimento por todo o corpo, há o ensino de música e instrumentos musicais, pinturas em aquarela, marcenaria, eiritmia, teatro, sempre trazendo as ciências, a arte e a natureza.

Como na Educação Infantil, que abarca a primeira infância, as crianças ainda não desenvolveram totalmente a parte neurossensorial, como aponta Willi Aeppli (2002, p. 45) “a diferença fundamental do modo de conhecer da criança e do adulto se põe em relevo, com

particular insistência, pelo modo de não existir ainda, um dos mencionados elementos cognitivos: o pensar”. Assim, a rotina é pautada pela vivência de ritmos, brincar livre, muito contato com a natureza, experimentando os quatro elementos, acompanhando os ritmos da própria natureza e dos astros no universo. A proposta é trabalhar pelas épocas das festas cristãs, rodas rítmicas apresentando os arquétipos das profissões, das estações do ano, sempre buscando uma harmonia entre corpo físico, corpo anímico e espírito. Essas definições serão apresentadas à frente, mas, de forma resumida, para Steiner, corpo anímico ou alma diz respeito às sensações, emoções e sentimentos presentes no ser humano e nos animais, corresponde a parte psíquica, ao sistema nervoso.

Por este motivo, acompanhando a rotina da minha filha Maria, numa escola Waldorf nos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde atividades completamente diferentes de uma escola tradicional compunham o cotidiano dos e das estudantes, comecei a perceber algumas condutas com relação ao brincar e ao direcionamento das aulas que traziam informações sobre essas respostas entre o corpo físico, corpo anímico e o espírito. O brincar possui uma importância de espaço, material disponível e tempo com uma qualidade e quantidade considerados dentro de uma lógica e fundamentação dentro das premissas da Antroposofia.

Observando essa importância do brincar livre, na preocupação com o bem estar orgânico, as atividades exercidas com muita ludicidade e acompanhando as respostas de cada criança, resolvi pesquisar sobre a importância da brincadeira, da corporeidade e do movimento no desenvolvimento integral das crianças.

Observações no brincar que é uma atividade inerente às crianças e seu desenvolvimento corporal. Observando o brincar livre das crianças em minha escola, em meu filho, filha e sobrinhos, pude perceber que algo as move sem uma consciência clara e objetiva. Assim uma das questões que procuro aprofundar, neste trabalho, como se processa esse desenvolvimento da corporalidade na criança na relação com o meio natural, social e cultural. Entendendo que a criança é um ser brincante, parto do pressuposto de que o desenvolvimento físico da criança está diretamente ligado ao brincar e acredito que exista muito mais informação e inteligência por detrás de uma brincadeira do que temos conhecimento.

O que significa a brincadeira? Por que brincam disso ou daquilo? Ou o que leva as crianças a terem determinados tipos de comportamentos que se repetem em várias crianças sem aparentemente ligação nenhuma? Como crianças que nunca se viram seja numa escola no

interior de Minas Gerais, como numa escola numa grande capital no exterior podem ter comportamentos muito parecidos, como mesmos períodos para percepção do corpo, surgimento das birras, da fantasia, etc. São questionamentos como esses que instigaram a pesquisa do tema.

Todos esses questionamentos e tantos outros estão presentes e bem vivos no cotidiano das crianças, seja nas famílias, seja em instituições de Educação Infantil, trazendo dúvidas, equívocos e incertezas em como educar uma criança. Parto do pressuposto de que tudo o que for vivido por ela ficará gravado e registrado em seu corpo refletindo condutas e posicionamentos na vida adulta. As informações que irão pautar as condições e adequações para seu desenvolvimento nos primeiros anos de vida proporcionarão efeitos e resultados para toda a vida (BURKHARD, 2016). O que é vivido na infância refletirá diretamente na vida adulta daquele ser. A formação de cidadãs e cidadãos para uma sociedade mais humana e igualitária se faz e começa na infância, por isso ser tão importante estudos, pesquisas e mais atenção para as nossas crianças.

São atividades altamente formativas do ser, considerando sua totalidade com uma visão holística, entendendo sua formação física, anímica e espiritual. As crianças na primeira infância ainda não organizam um pensamento linear, não raciocinam sobre o que fazer, não escolhem com uma clareza intelectual determinados tipos de brincadeira em detrimento de outras. No entanto, as escolhas vão sendo feitas e os hábitos vão mudando segundo uma inteligência que não vem apenas da mente das crianças, e sim do corpo como um todo (LISBOA, 2015).

Diante disso, pretendo me aprofundar sobre esse tema tão discutido, mas ainda misterioso para mim: inteligência e a consciência existente por detrás do brincar, como atividade inerente à criança, para entender melhor seu comportamento diante das transformações do seu corpo e das interações com o meio em que vivem.

Procuo, dessa forma, entender, a partir do olhar da Antroposofia, como a composição entre ambiente, brincadeira, ritmo repercute nas crianças. Que aprendizado o ambiente oferece, o meio e as influências que ele exerce e tudo que se relaciona com ele, que possa atingir a criança na sua concepção e escolhas.

Assim, este trabalho tem como objetivo compreender as influências do meio que podem ser percebidas pelo brincar, e o desenvolvimento corporal da criança em uma perspectiva antroposófica.

Dizer que o brincar é inerente à criança, significa dizer que o brincar é parte constitutiva da criança, é característica própria dela (FIGUEIREDO, 2009). Assim se quisermos entender e compreender o universo infantil, devemos saber mais sobre esse ato de brincar, em como as crianças se relacionam com ele.

Acredito que esta pesquisa contribuirá para melhoria no tratamento do brincar nos espaços educacionais e, o tempo, espaço e materiais disponíveis para o seu desempenho poderão ser revistos e reavaliados. Como função dessa pesquisa o conhecimento sobre as respostas orgânicas perante aos estímulos externos, tanto físico como psicológico de uma brincadeira, e assim obtermos resultados que contribuam para uma consciência ampla, mais humana e respeitosa com esses seres tão enigmáticos que são as crianças. Assim aprimorar o cuidar do corpo como uma ferramenta de educar para uma vida saudável com uma consciência maior sobre o próprio corpo.

Muitas pesquisas sobre o brincar, sua importância e relevância na infância demonstram suas concepções apresentando as crianças como sujeitos sociais, histórico e cultural consolidando e embasando cada vez mais estudos sobre a importância do brincar (KISHIMOTO, 2010; WAJSKOP, 1995). Trabalhos acadêmicos, livros, revistas, pesquisas em diversos *sites* de trabalhos científicos, bibliotecas, inúmeros artigos, subsidiam bagagem suficiente para esse estudo que ajudarão a aprofundar mais um pouco nessa transformação, porém voltado para a interação com o desenvolvimento físico e em uma perspectiva antroposófica.

De acordo com Bernard Lievegoed (2007), é essencial ampliar o olhar para a criança como um ser holístico, cujas dimensões estão todas interrelacionadas, não há uma separação que delimite quando começa um e termina o outro; o corpo, a alma e o espírito se complementam num canal de comunicação livre, sem interrupções. Para tanto, as contribuições da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf com Rudolf Steiner darão o suporte e o embasamento teórico necessários para essa pesquisa, assim como outros autores e autoras como Bernard Liviegod (1994), Rudolf Lanz (2011), Rüdiger Dalke (2014), Karl König

(2014), Gudrum Burkhard (2016), Eva Kálló e Györgyi Balog (2017), Márcio Xavier Bonorino Figueiredo (2009), Cristiane Pereira Santos (2017), Felipe Stephan Lisboa (2015).

Logo, para compreender sobre como se processa esse desenvolvimento na criança, como perceber os resultados das influências por elas recebidas, torna-se necessário abordar temas que são inerentes ao desenvolvimento da criança, como as interações com os adultos, com o meio em que ela vive, com outras crianças, com a natureza, as brincadeiras, sua repercussão, seus significados e propósitos e o ritmo como norteador das atividades do dia, onde atua, como regula, como orienta.

## **2. A Antroposofia e a organização tríplice do corpo humano**

A organização tríplice das estruturas e dos conhecimentos está presente em muitos segmentos. Segundo Cristiane Pereira Santos,

Segundo os princípios da alquimia do século XVIII e da antroposofia da virada do século XIX para o século XX, todas as coisas e processos naturais podem ser representados por um tríplice movimento: salinização, mercurialização e sulfurização. A natureza do homem é corpo, alma e espírito; a natureza do Cosmo: mundo físico, anímico e espiritual; a corporalidade do homem: cabeça, tórax e abdome/membros; a natureza psicológica humana: pensar, sentir e querer; a essência do conhecimento possível é representada pela ciência dos seres (biosophia), ciência do homem (antroposofia), ciência espiritual (teosophia); a natureza da consciência: consciente, semiconsciente e inconsciente; no dogma cristão da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo; na cultura indiana clássica: Shiva, Vishnu e Brahma; e no antigo Egito: Ísis, Osiris e Hórus (PEREIRA, 2017, p.116).

Também a Antroposofia traz em sua filosofia a organização tríplice do ser humano. Esta filosofia entende essa organização tríplice considerando a dimensão física como a parte biológica do mundo material; uma outra dimensão mais sutil corresponde ao mundo espiritual; e por fim, em uma região intermediária ocorre a interação entre esses polos. É nessa região intermediária que se encontra a alma, a psique humana. Sob o olhar da Antroposofia, quanto à divisão apresentada por seu idealizador, Rudolf Steiner, aprofundarei os estudos com Bernard Lievegoed (2007), que escreve sobre a visão tríplice da organização antroposófica da seguinte forma:

A alma humana (psique) recebe, pois, seus impulsos e conteúdos a partir de dois mundos: a) do mundo corpóreo através das paixões e dos órgãos sensoriais; b) do mundo espiritual através do eu.

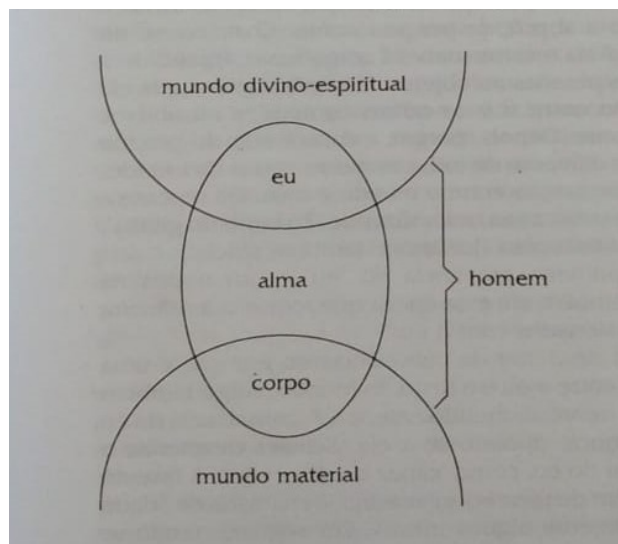
O espírito (eu) e a matéria (corpo) têm seu encontro numa região intermediária: na alma (psique). Essa região intermediária é o objeto da observação pela psicologia (LIEVEGOED, 2007, p. 11).

No entendimento de Lievegoed (2007), ao analisar a proposta tríplice da organização humana pela Antroposofia, os órgãos sensoriais e as paixões caracterizam o caráter físico, o mundo corpóreo; enquanto o eu, ou espírito representam o caráter espiritual do ser humano, e o ponto de contato entre os dois é percebido numa terceira região, ou mundo de percepção, representado pela psique, entendido aqui como a alma humana em si. Esta psique, objeto de estudo da Psicologia, dialoga ao mesmo tempo com o mundo corpóreo e com o mundo espiritual.

Essa composição do ser humano nos mostra que cada uma dessas partes tem sua função e sua participação nesse todo. As interações partem de todas elas numa conexão contínua e de mão dupla. Considerar que somos compostos por três corpos e que cada um atua numa dimensão e reagem de acordo com estímulos externos, é uma informação valiosa que requer muitos estudos e pesquisas para entendermos suas relações e funcionamento.

Gudrum Burkhard (2010), em diálogo com Steiner, apresenta uma composição a respeito do corpo que impacta diretamente o entendimento do processo educativo. Faz-se necessário entender que as interações entre corpo, alma e espírito (que também pode ser entendido como “eu”) ressoam em áreas específicas do nosso corpo.

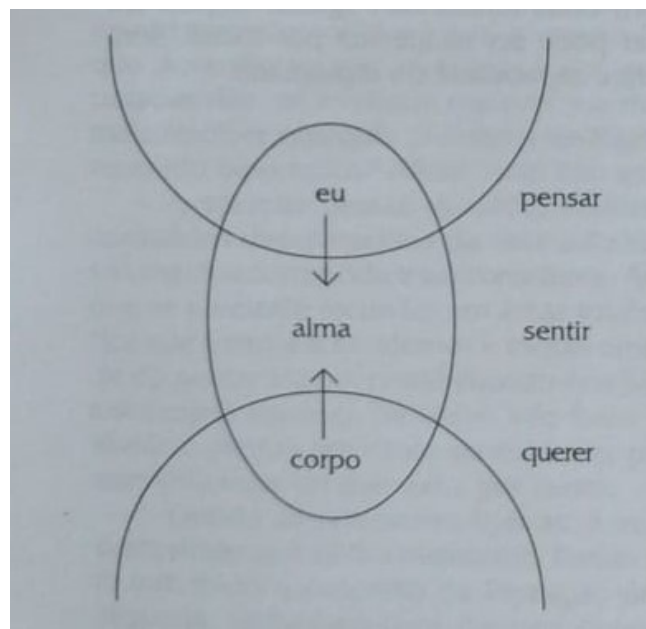
O esquema abaixo de Lievegod, demonstra essa composição do homem apresentando a sua integralidade e interação com o mundo espiritual e material.





Fonte: (LIEVEGOED, 2007)

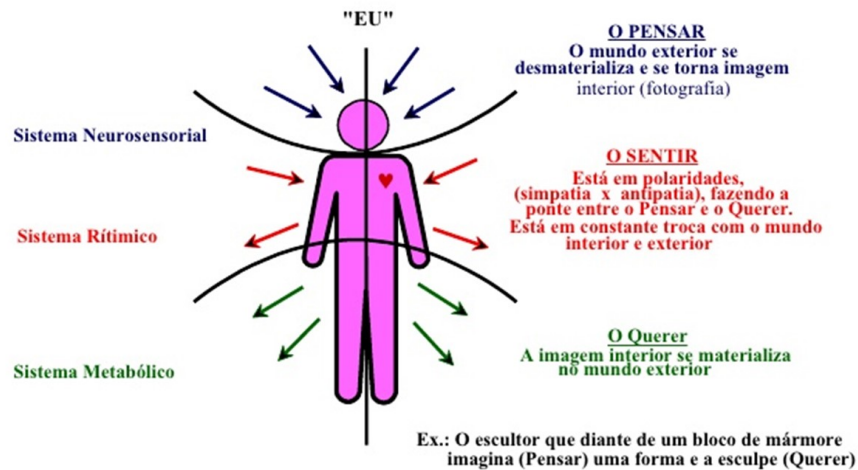
Formam uma composição que pode ser dividida em três sistemas que, conectados entre si, regem movimentos, comportamentos, sensações, emoções ao longo de toda nossa vida na Terra. Nessa composição, em sua estruturação ternária, que é a composição tríplice do corpo apresentada por Steiner, traz a trimembração do corpo dividindo-o por sistemas orgânicos autônomos que se relacionam entre si: o sistema neurossensorial, sistema rítmico e o sistema metabólico-motor (LANZ, 2011. LAMEIRÃO, LIEVEGOED, 2007)



Fonte: (LIEVEGOED, 2007)

O sistema neurossensorial está vinculado ao processo intelectual dando possibilidades ao ser humano de perceber e pensar. Traz conceitos e desenvolve a parte cognitiva, recebe estímulos externos de todas as partes do corpo e processa essas informações na cabeça onde se concentra a atividade desse sistema neurossensorial. O sistema rítmico compreende o sentir e está relacionado a tudo que envolve respiração e circulação sanguínea. A base desse sistema se localiza no tórax na região mediana do ser humano. E, por fim, o sistema metabólico-motor compreende o querer, o metabolismo, o movimento dos membros. Ele se situa no abdômen, nos braços e nas pernas (AEPPLI, 2002).

## O PENSAR, O SENTIR E O QUERER



Fonte: <https://www.pinterest.cl/pin/283375001528572050/>

Essa composição engloba e representa as três atividades essenciais que nos movem a todo o momento: o pensar, o sentir e o querer. Estas atividades essenciais se manifestam pelos sistemas neurosensorial, rítmico e metabólico-motor, respectivamente, formando assim a totalidade do ser na composição desses três sistemas. Assim Aeppli discorre dizendo

Se vocês consideram este homem triplo, em relação com sua atividade, o homem neuro-sensório, o homem que vive em certas funções rítmicas e o homem que vive no metabolismo, tem vocês a totalidade do que existe na natureza humana, enquanto ela é organismo ativo e, ao mesmo tempo, terão reconhecido três sistemas autônomos nesse organismo (AEPPLI, 2002, p. 10).

Toda essa composição da nossa corporalidade traz a base para as nossas relações anímicas, possibilitando o desenvolvimento das funções essenciais do pensar, sentir e querer. Cada uma dessas funções corresponde com seus sistemas orgânicos os quais propiciarão mecanismos para se manifestarem na existência corpórea.

Sabemos que nossa vida anímica se manifesta de três maneiras distintas: como pensar, como sentir e como querer. Rudolf Steiner chama a atenção sobre o fato de que cada uma dessas três energias anímicas está

estritamente vinculada com um dos três sistemas orgânicos. Em outras palavras: cada um desses três sistemas forma a base física e a condição prévia para o desenvolvimento de uma dessas energias anímicas (AEPPLI, 2002, p. 10).

Percebemos a partir dessas inferências que relacionar essas funções com as atividades orgânicas que ocorrem em nosso corpo proporciona diversas possibilidades de investigação e de estudos sobre como poderemos conduzir e desenvolver o processo de aprendizagem num organismo em formação, principalmente de crianças pequenas. Até que ponto um maior domínio sobre esses conhecimentos não nos leva a aproveitar de uma forma mais plena as possibilidades de desenvolvimento das crianças?

Burkhard, ao comentar sobre essas faculdades e sua evolução, relata que

A alma humana ou psique (da palavra grega *psyché*, mais abrangente do que a palavra portuguesa “psique”) engloba não só atividade pensante do ser humano, mas também a parte do sentimento e a parte do agir no mundo. Rudolf Steiner fala em pensar, sentir e querer. No organismo humano, estas atividades possuem seus órgãos ou instrumentos físicos correspondentes. No organismo neurossensorial, com sede na cabeça, reside o pensar; o sentir reside no organismo rítmico, ou seja, no coração e nos pulmões, portanto, no tórax; e o querer reside no sistema metabólico-locomotor, (incluindo toda a parte metabólica, os órgãos reprodutores e os órgãos volitivos) – portanto, onde existe ação existe inconsciência, como nos órgãos metabólicos e nos membros, com seus músculos (BURKHARD, 2016, p. 26).

Considerando o ser humano com sua estrutura ternária trazida por Steiner, percebemos que o desenvolvimento do ser humano precisa englobar as três faculdades de pensar, sentir e querer. O aprendizado não se dá somente de forma cognitiva, não podemos restringir a absorção de conhecimento somente pelo cérebro. A trimembração do corpo humano, como nos apresenta a Antroposofia, descreve as fases de desenvolvimento do sentir, pensar e querer relacionados com as partes do corpo humano, os órgãos, trazendo observações e considerações sobre as fases de aprendizagem, período e tempo, correspondente a esses processos, relacionando os sistemas neurossensorial, o sistema rítmico, o sistema metabólico-motor com a maturação e desenvolvimento dos seus órgãos respectivos. Assim a Antroposofia, por meio da Pedagogia Waldorf, orienta a condução do aprendizado pautado num conhecimento que abrange o desenvolvimento físico, anímico e espiritual.

Observando as crianças na primeira infância, Aeppli (2002), dialogando com Steiner, relata que nas crianças o sentido intelectual do pensar só irá se desenvolver entre os cinco e sete anos de idade. Até que isso aconteça, a criança tem sua percepção aflorada por todo o corpo. Por este motivo descreve que

A criança é, toda ela, órgão sensório. Ela é pura percepção e seus sentidos são ativados em todo o corpo. [...] A criança ouve a música, por exemplo, não tanto com o ouvido, mas com seu corpo inteiro, que vibra em consonância com o elemento musical. De acordo com o que ouve, todo seu ser corpóreo vibra em harmonia ou desarmonia (AEPPLI, 2002, p. 49).

Com a definição e conceitos trazidos por Steiner sobre o pensar ser desenvolvido mais intensamente a partir dos cinco anos, isso nos convida a olhar para essas crianças e indagar como se processa seu desenvolvimento sem que a atividade pensante esteja presente de uma forma mais consciente.

### **3. As influências no desenvolvimento infantil**

Tudo o que chega às crianças interfere diretamente na sua formação orgânica. Por este motivo, diante de tais informações, faz-se necessário repensar o cuidar, o manusear o corpo de uma criança, os materiais, espaços e conteúdos que são oferecidos a elas. Estas ações, espaços e elementos deveriam ser entendidos como material de estudo e aprimoramento por parte de pais, mães, educadoras e educadores. E isso deveria ocorrer principalmente quando o objeto de estudo é a primeira infância, fase em que muitos órgãos ainda estão em desenvolvimento, em que o cérebro realiza milhões de sinapses de acordo com as vivências e experiências ocorridas, em que as descobertas são realizadas a todo o momento.

#### **3.1 Interações com a natureza, com o outro e consigo mesmo**

A Educação Infantil se condiciona por premissas asseguradas pela Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 que implementa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), as quais consideram as interações necessárias para o desenvolvimento da criança. Essas interações com o meio, com a natureza, com o outro e consigo mesmo proporcionam subsídios para o seu crescimento.

São vários os exemplos e informações a respeito da interação entre as manifestações e mudanças no corpo físico com o comportamento das crianças. Infelizmente, apesar de todos os exemplos e informações que podem ser encontrados na atualidade, ainda predomina a visão que foi defendida por Descartes. Márcio Figueiredo (2009) recorda, citando Medina, que Descartes foi o responsável pela separação completa entre o corpo e a alma. Este pensador defendia que corpo e alma são diferentes e independentes. A mente, o espírito comandam as ações e movimentos do corpo. E, abandonando a ideia antiga e medieval que entendia o corpo como instrumento da alma, criou em contrapartida a ideia da supremacia do espírito sobre o corpo, o que no campo da educação tradicional se revela no entendimento da supremacia do intelecto sobre as emoções e sensações. Figueiredo explica este processo recordando o pensamento de Descartes e comentando que

Para ele, o homem é fundamentalmente espírito, o que fica expresso na afirmação: Penso, logo existo. O pensamento cartesiano continua a vigorar em nossa sociedade, o que pode ser percebido em determinadas atividades através da valorização a elas dada, como é o caso do trabalho manual e intelectual, sendo este mais valorizado (MEDINA, 2009 apud FIGUEIREDO, 2009, p. 22).

Esse é o modelo que vem sendo seguido há muito tempo. No entanto, percebemos que, em virtude do desenvolvimento dos diversos campos da ciência, principalmente nos campos que dialogam com a Filosofia e com a Psicologia, um modelo de formação humana em que as diversas instâncias, ou as diversas experiências humanas tenham lugar, torna-se cada vez mais necessária.

Há muito já vem sendo discutido sobre o reflexo das questões emocionais no corpo humano, suas implicações e consequências, no entanto o contrário não se discute muito, em como o corpo físico interfere nas emoções e sentimentos dos seres humanos. Rüdiger Dahlke, em “A Doença como Linguagem da Alma na Criança” (2014), traz essa relação com o corpo físico, demonstrando como as transformações ocorridas no corpo físico promovem amadurecimento e desenvolvimento para nossa parte anímica e espiritual. Cito, como exemplo, a passagem descrita por ele ao falar sobre a caxumba, doença infantil que deixa transfigurado o rosto da criança.

O rosto inchado realmente impressiona. Do ponto de vista simbólico, trata-se evidentemente, de mostrar mais e inchar as próprias bochechas - a criança está treinando gestos ameaçadores. Nesse sentido, trata-se de uma tentativa de desenvolver uma personalidade mais poderosa. Em casos normais, o inchaço do rosto deve-se a uma mastigação intensa ou à compressão crônica dos maxilares. O tema por trás disso seria “praticar bhoga” ou, como dizem os budistas, “digerir o mundo” (DAHLKE, 2014, p. 124).

O autor exemplifica as reações, modificações e consequências que ocorrem quando as crianças são acometidas pelas doenças infantis, nesse caso a caxumba, em que a criança fica com as bochechas inchadas, ele traz a relação das mudanças no corpo com um aprendizado e amadurecimento emocional na criança. Com a caxumba a criança experimenta uma natureza mais firme, mais corajosa, um ensaio para as lutas que enfrentará na vida adulta, ou como o autor destaca, a ideia de a criança digerir o mundo, ou seja, estar mais preparada para enfrentar o que vier daquele momento em diante.

Dessa forma, desvincular a ideia de que o pensar, de que o cérebro comanda o restante do corpo já é um grande avanço para passarmos a valorizar as funções e representações dos outros órgãos. Como expressa Felipe Lisboa (2015, p. 148), “é a pessoa, ou o organismo como um todo, que pensa, aprende ou acolhe, não seu cérebro”.

Desde o nascimento, nosso corpo está em constante mudança, visto que o crescimento e desenvolvimento dos órgãos ainda continuam após o nascimento. Apesar de muitos ainda pensarem que o cérebro seja um órgão imutável, que já nasce pronto, ele é um órgão muito plástico em que milhões de neurônios fazem sinapses de acordo com experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, proporcionando várias alterações na sua composição, como descreve Lisboa:

no cérebro humano, toda vez que algo é “gravado” na memória de longo prazo, o circuito do cérebro se altera, ocorrendo uma reconfiguração das redes neurais, alterando o mapa dos percursos seguidos pelos impulsos nervosos no processo de “pensar” (LISBOA, 2015, p. 145).

Fazendo uma comparação com o computador, o autor afirma que a máquina não se altera à medida que recebe informações e processa dados; já o cérebro sofre modificações de acordo com os dados recebidos, se “molda” baseado nessas configurações que vão se formando. Diante de tais informações, percebe-se a complexidade e gravidade do que se é

apresentado às crianças considerando seu processo de formação. A responsabilidade da Educação Infantil em oferecer um atendimento de qualidade em termos de educação é um elemento importante que irá compor a formação física, anímica e espiritual da criança.

É necessária uma observação mais atenta para o que chega à criança, com relação ao que é oferecido a ela, ao que é disponibilizado no seu entorno, seja em casa ou na instituição educativa ou qualquer local. Todos os sentidos humanos estão recebendo informações a todo o momento. Pelo tato, acessam-se todos os materiais que são disponibilizados por meio dos brinquedos. Pela visão, alcança-se a disposição organizacional do ambiente em que ela passará o tempo. Além disso, a rotina estipulada para o tempo em que permanecerá na instituição educativa, o paladar pelo alimento que a nutrirá, a acidez, a viscosidade, o doce, o salgado, o quente, o frio, a audição, com os sons que elas ouvem, o tom de voz da professora ou professor, a altura dos sons, o próprio silêncio tão importante, o olfato que traz a vivência do cheiro da sala, do lanche, dos amigos e amigas, da professora ou professor, da escola, etc. São todos agentes que atuarão em seu organismo moldando suas células e órgãos. “É com o corpo que entramos em contato com o mundo, o experienciamos, conhecendo seus detalhes, possibilidades e limites” (FIGUEIREDO, 2009, p. 20).

Dessa forma, por meio do corpo, percebemos a vida material, somos adentrados por informações, ondas magnéticas, sensações, as emoções nos envolvem, sentimentos, tudo o que nos chega e que nos toca no corpo moverá uma reação e uma resposta no nosso desenvolvimento e crescimento. Isso nos remete também a visão de Piaget e Vygotsky a respeito da aprendizagem. O primeiro considera que a aprendizagem acontece de dentro para fora, sobressaindo as energias internas sobre as forças externas; a criança possui dentro dela informações latentes e seu desenvolvimento acontecerá como algo já determinado que segue um impulso interno. Vygotsky, ao contrário desse pensamento, fala sobre as influências do meio sobre a aprendizagem da criança e defende que o meio em que a criança nasce atua diretamente sobre sua aprendizagem desde o nascimento (GONÇALVEZS, s/d).

Considerar o ser humano como uma composição desses vários corpos e que eles possuem uma relação de troca faz toda a diferença no processo de aprendizagem das crianças, principalmente daquelas que são, por exemplo, o foco dessa pesquisa. Esse entendimento é fundamental para que se possa aprimorar o cuidar do corpo como uma ferramenta da educação para uma vida saudável, onde seja possível desenvolver uma consciência maior

sobre o próprio corpo. Pensando dessa forma, podemos dizer que o cuidar do corpo tão presente na Educação Infantil nos leva a caracterizar a Educação Infantil como basicamente uma educação física, educação do corpo em toda a sua completude.

O meio em que a criança está inserida exerce forte influência na sua composição física. Aeppli discorre sobre esse processo dizendo

que o homem capta todo o movimento exterior, reproduzindo-o, interiormente, com sua corporalidade. Rudolf Steiner chama a nossa atenção sobre o fato de que o homem reproduz os movimentos que o rodeiam, não só em seu organismo motor físico, mas também em seu ser anímico espiritual (AEPPLI, 2002, p. 55).

Demonstra, assim, a gravidade e importância de se repensar sobre a qualidade do atendimento a essas crianças posto que essas influências reverberarão sobre toda a sua vida, tendo reflexos na sua vida adulta.

A responsabilidade de educar não está somente nos educadores e educadoras e nas mães e nos pais. A educação se faz presente e se estabelece na medida em que qualquer um se relaciona com uma criança, é uma questão social e cultural. Além da percepção da própria criança com relação ao meio em que vive, ela sofre também as imposições de outras pessoas, com as regras, as normas, os limites, os tabus, as censuras, as liberdades, os incentivos e estímulos e assim todo seu entorno, adultos, outras crianças, ambiente físico, o clima, os sons. Tudo afetará seu organismo físico provocando alterações tanto na sua estrutura, quanto emocionais, morais e culturais. Steiner explana sobre tal assunto dizendo que

Tudo o que lhe vem do meio ambiente se transporta para um processo formativo interior, e também para a formação dos órgãos.  
Quando uma criança, digamos, tem a seu lado um pai que a todo momento se mostra colérico, vivendo, portanto, num ambiente onde a toda hora acontecem vivências exteriores diretas, ela participa dessas vivências – e com tal intensidade que isto se manifesta em sua respiração e em sua circulação. À medida que isso ocorre, plasmam-se os pulmões, o coração e todo o sistema vascular; e a criança leva consigo, por toda a vida, interiormente moldado aquilo que ela formou, plasticamente em si por presenciar os atos de um pai colérico (STEINER, 2014, p. 23).

O aprendizado na criança pequena se dá essencialmente pela imitação. Entendemos então o quão difícil é educar, porque é um ato que exige uma autoeducação. Não adianta



apenas falar o que é correto para uma criança, o exemplo é tão poderoso ou mais fortemente influenciável do que considerar apenas a fala. Da mesma forma que as ações ensinam a criança a estar no mundo, a viver e se comportar, a relação do corpo físico com a aprendizagem nos mostra que esse processo se torna visível quando percebemos também as mensagens e informações que os movimentos e gestos nos passam.

Segundo Karl König,

Desejo e defesa, simpatia e antipatia, ira e medo, receio e coragem, todos eles têm suas próprias formas de movimento. Mas também sentimentos e sensações mais sutis como repulsa e dedicação, alegria e tristeza, choro e riso, dispõem de formas de gestos que lhe servem (KÖNIG, 2014, p. 11).

A relação acontece de dentro para fora e de fora para dentro. Somos o tempo todo bombardeados de informações de todo tipo que adentram o nosso corpo de várias formas e por diversos caminhos e da mesma forma respondemos a esses estímulos e informações por meio das mais variadas formas.

Tudo o que chega à criança na primeira infância irá refletir na sua composição física. Recordamos aqui que as crianças não fazem distinção a respeito daqueles e daquelas que convivem com ela, não fazem julgamentos de certo ou errado, não possuem discernimento para isso. Portanto, todas as suas ações e reações provêm de imitações de comportamentos observados por elas. Rudolf Steiner descreve que

Cada geração, ao evidenciar seus mais graves defeitos, é fisicamente uma cópia fiel da geração precedente. E quando se observam certas falhas dos próprios filhos, numa época posterior da vida, essa observação deve constituir um pouquinho de razão para o autoconhecimento – pois é por um processo muito íntimo que tudo o que ocorre ao redor da criança, se expressa na organização física. Amor no aprendizado do andar, veracidade no aprendizado da fala, clareza e determinação durante o aprendizado do pensar, transformam-se, nessa fase da infância, em organização física. Os vasos e órgãos se estruturam da mesma forma como, no meio ambiente, se desenvolvem o amor, a veracidade e a clareza (STEINER, 2014, p. 19).

De acordo com a condução e direcionamento dado à criança, sua formação física se moldará por essas energias que a circundam, vindo do ambiente da natureza e de outro ser humano. No entanto, é preciso ter muito cuidado com a generalização e/ou padronização das coisas. Apresentamos aqui ideias que promovem uma visão ampla, de igualdade. Mas não

podemos perder de vista que é necessário entender que apesar da busca da igualdade, não se pode colocar todos e todas em um mesmo patamar, desconsiderando toda a trajetória, histórico de vida, condições sociais, culturas, habilidades, dificuldades, etc. Esses processos são movimentos que precisam ter a equidade caminhando junto. É isso que irá trazer o senso de justiça, equilibrando mais e diminuindo assim as distâncias provocadas pelas diferenças.

### **3.2 O significado do brincar**

Considerando a organização tríplice, pensar, sentir e querer, relacionadas respectivamente com o sistema neurossensorial, sistema rítmico e sistema metabólico-motor como abordado no item 2 deste trabalho, cada um com suas particularidades e especificidades, podemos perceber nas crianças essas forças agindo e se manifestando num processo contínuo durante seu crescimento e desenvolvimento. Essa organização tríplice se reflete nas ações e reações das crianças ao se expressarem nas brincadeiras. Esse reflexo pode ser observado na escolha e na mudança de comportamento diante das brincadeiras. É necessário recordar que essas mudanças de escolha e de comportamento refletem também o fato de que o corpo ainda se encontra num processo de desenvolvimento acelerado na primeira infância, amadurecendo ainda após o nascimento.

Ao observarmos o primeiro de ano de vida de uma criança, podemos constatar que ela consegue efetuar vários movimentos: se arrasta, engatinha e anda, e todos esses movimentos não são elaborados previamente, não são formulados antes de o fazerem, pois, a criança não pensa para andar, não raciocina em como será o processo de andar, ele simplesmente acontece sem esse processo cognitivo.

Burkhard (2016), dialogando com Steiner, relata que esse impulso vem da vontade e não do pensar, e se vem do querer e da vontade, ele se comunica e se relaciona com informações vindas do sistema metabólico-motor e não do sistema neurossensorial. Assim como a função motora, o coração e o pulmão também possuem uma realidade objetiva como princípio criador. Lievegoed também reforça dizendo que

Esse impulso para a ação manifesta-se nos seres vivos como impulso motor. Ele serve à motricidade interior e às transformações do metabolismo. Os órgãos em que esses princípios criadores tomaram forma são os do metabolismo e os músculos, na qualidade de órgãos do movimento. É deles que emana o impulso para o movimento. Esse impulso manifesta-se

primariamente como instinto, como cobiça – impulso para alimentar-se, impulso reprodutor ou motor. Estas emanam das funções dos órgãos do metabolismo, da reprodução e do movimento, e constituem as raízes mais profundas da vida volitiva. Fala-se em vontade consciente apenas quando esse impulso entrou em contato com a atividade reguladora e cognitiva dos pensamentos (LIEVEGOED, 2007, p. 90).

Começamos a olhar, a perceber e a considerar que uma força ou um impulso age em todos nós, seres humanos, promovendo a vontade, o movimento, e somente quando exercida com consciência passa a ser regulada por nós, o que não acontece com os animais, e isso nos difere deles, pois possuem também esse impulso volitivo, no entanto, não possuem o crivo da inteligência, da cognição para controlar a vontade (LIEVEGOED, 2007).

Todo desenvolvimento psíquico corresponde a uma evolução no desenvolvimento físico. As fases de crescimento acompanham o amadurecimento orgânico dos órgãos correspondentes. Segundo Aeppli (2002), toda criança aprende por inteiro e cada uma delas é única na individualidade que está se formando. Considerando a trimembração do ser humano e suas relações, a maneira como progridem e seus efeitos no comportamento das crianças, podemos aperfeiçoar e aprimorar a forma como educá-las no período da infância. A melhoria dessa condução acontece a partir do momento em que entendemos melhor tanto suas necessidades e percepções, quanto o mecanismo de aprendizagem pelo corpo. Entendemos, assim, que as informações são recebidas e apresentadas de uma forma integral e por completo, o que faz com que outras formas de ensino e aprendizagem possam e devam ser repensadas e avaliadas, como aprender com a brincadeira, por exemplo, algo que já está posto nas DCNEI, como eixo do currículo da Educação Infantil, junto às interações, conforme destacado anteriormente.

A vontade e o querer presentes no movimento que é muito intenso na criança atendem e correspondem com o metabolismo. Podemos perceber nas brincadeiras e comportamentos das crianças os movimentos como aqueles que os órgãos fazem internamente. Da mesma forma que nosso corpo faz no processo digestivo, as crianças fazem ao brincar: selecionam, separam, juntam, empilham, trituram, destroem. A contração e expansão dos pulmões e a constância das batidas do coração ditam os ritmos das crianças, regulando os horários de sono e fome.

A relação entre o corpo e o brincar existe desde o nascimento da criança, pois seu corpo é seu primeiro brinquedo: as mãos que somem e aparecem, os dedos, as orelhas e

cabelos, tudo isso lhe encanta e a diverte nos primeiros meses de vida. Essas descobertas são realizadas até aproximadamente os três meses. À medida que cresce, a criança atenderá a várias necessidades do corpo, incorporando atividades motoras, se exercitando, repetindo movimentos, integrando novos comportamentos, novas descobertas (KÁLLÓ; BALOG, 2017).

A repetição de uma brincadeira ou de uma história representa um conflito interno vivido pela criança em busca de uma resposta ou resolução para esse conflito. Por desconhecerem e não compreenderem o mecanismo desse processo, muitos adultos não aceitam e se irritam muito facilmente com essa atitude da criança:

A repetição verdadeira nos padrões de brinquedo é um sinal de que a criança está lutando com questões de grande importância para ela, e de que, embora ainda não tenha sido capaz de encontrar uma solução do problema que explora através da brincadeira, continua a procurá-lo (BETTELHEIM, 1988, p. 144).

A afirmação de Bruno Bettelheim nos faz pensar que há uma força ou direção interna que a criança segue ou obedece inconscientemente ao escolher suas brincadeiras. Essas escolhas refletem necessidades concretas da criança, que por meio dessas brincadeiras experienciam um processo natural de desenvolvimento afetivo, psíquico, mental e social.

A escolha do tipo de brincadeira está diretamente ligada a algo que a criança esteja vivenciando, trazendo para o mundo da fantasia questões ou situações em que ela não conseguiu extravasar ou vivenciar algum conflito, etc. Importa também entender que não existe erro ou equívoco nessas vivências, é o próprio processo de crescimento se efetivando, buscando soluções, ensaiando experiências que serão mais tarde vivenciados de maneiras diversas (FIGUEIREDO, 2009). Por este motivo, a brincadeira proporciona à criança ensaios para vida real. É na brincadeira que ela experimenta sentimentos e sensações, conhecendo melhor suas vivências. O que com o passar do tempo se torna tão difícil para os adultos ocidentais, formados na matriz cartesiana mencionada anteriormente. Ao contrário, as crianças fazem de forma fácil, fluida. Na brincadeira, elas fazem a ligação do mundo real e do mundo imaginário. Bettelheim explica ainda que

(...) brincar é uma atividade com conteúdos simbólicos que as crianças usam para resolver, num nível inconsciente, problemas que não têm condições de

resolver na realidade; através da brincadeira adquirem um sentimento de controle que no momento estão longe de possuir (BETTELHEIM, 1988, 174).

Podemos perceber essa relação do corpo com o brincar ao observarmos, em um dia frio, uma criança pouco agasalhada que brinca sem parar, correndo por todo lado e ao interrogarmos-la se está com frio, ela dirá que não, mas se a tocarmos veremos que sua pele estará fria, seus braços e mãos estarão gelados. Isso se dá porque ao sentir frio o organismo da criança, para se aquecer, faz com que ela se movimente com mais rapidez para gerar calor. Se colocarmos um agasalho na criança, ela irá se acalmar e ficará mais tranquila, da mesma forma uma criança muito agasalhada num dia de sol ficará irritada e nervosa; se a perguntarmos se ela está com calor, ela também dirá que não, mas se tirarmos o excesso de agasalho, ela também se acalmará ficando mais tranquila. Não quer dizer que a criança não sinta calor, nem frio, mas, muitas vezes, ela não percebe que o calor e o frio a incomodam. Isso nos mostra como o organismo da criança também pode direcionar o tipo de brincadeira e seu comportamento, refletindo o que está ela sentindo. É um exemplo da interação entre o corpo físico e o anímico.

Conforme dito anteriormente, o aprendizado das crianças não se processa apenas no cérebro, no sistema neurossensorial. As crianças aprendem e se desenvolvem com a brincadeira e no corpo como um todo. As relações da parte psíquica e corpórea, quando respeitadas, trazem inúmeros benefícios para as crianças. Entendendo que a cabeça corresponde ao sistema neurossensorial e nela se baseia as funções do pensar; que no tronco se concentra o sistema rítmico e nele estão relacionadas as funções do sentir; e que os membros obedecem ao sistema metabólico-motor atendendo à vontade, e conhecendo as fases de evolução desses sistemas, conseguimos adequar as atividades pertinentes a esses movimentos do corpo, alma e espírito. Lievegoed recorda que

Esses critérios não tem apenas valor teórico ou científico – possuem um significado diretamente prático e pedagógico. Se a matemática visa a desenvolver o pensar lógico, a ginástica e os esportes devem conduzir ao desenvolvimento da vontade. Mas é principalmente a brincadeira infantil que educa esta última. Conforme já foi dito, brincar intencional é um indício da vontade que desperta (LIEVEGOED, 2007, p. 92).

Diante dessas informações, constatamos o quão importante, relevante e saudável é possibilitar a oportunidade de brincar cada vez mais para as crianças. O brincar livre principalmente irá atender as necessidades próprias de cada uma, atendendo aos sentimentos e emoções experimentadas com a interação com o outro, com o meio e consigo mesma. As particularidades e as singularidades de cada ser direcionarão o tipo de brincadeira necessária naquele momento. Dentro de uma instituição educativa, o brincar livre atende o preceito da equidade, respeitando as fases de desenvolvimento em que cada criança se encontra, dando liberdade e condições para um crescimento saudável. As brincadeiras direcionadas devem atender à vontade, ao querer, impulsionando para o futuro, para as conquistas, trabalhando os membros e o sistema metabólico-motor. Portanto, respeitar essas escolhas e necessidades é promover e contribuir com o bem estar físico, emocional e intelectual das crianças.

O brincar é uma linguagem, é socialização, é desenvolvimento e crescimento. Muitas forças atuam no ser no processo de crescimento e ajudá-las no seu direcionamento e entendimento concorrem para um desenvolvimento mais saudável e adequado para as crianças. Quando se tem a compreensão das épocas em que ocorrem cada uma dessas fases do desenvolvimento, de que forma acontecem e em qual período da vida, o tipo de brincadeira pode contribuir e muito para uma realização mais completa e harmônica da formação da criança.

Entendendo essa composição, esse conjunto harmônico em que o corpo se constitui e entendendo os períodos da sua maturação e desenvolvimento, o brincar na infância passa a ser visto como atividade essencial e fundamental no crescimento e desenvolvimento do ser, respeitando o tempo necessário ao amadurecimento de cada um desses sistemas.

### **3.3. O ritmo como norteador para as funções orgânicas**

Somos seres que estamos intimamente ligados a ritmos, movimentos sequenciados por um período de tempo determinado que desregulado causa transtornos e malefícios. Os ritmos estão presentes na natureza, estamos mergulhados numa ordem de acontecimentos que ditam o ritmo da nossa vida. Tanto externa quanto internamente os ritmos estão presentes no mundo em que vivemos e, dentro de nós, ele nos compõe e dita nossas funções vitais. Somos guiados e conduzidos por esses ritmos a todo o momento.

A repetição e o ritmo são ferramentas importantes no aprendizado das crianças, enquanto repetem os movimentos estão assimilando e aprendendo. O ritmo está diretamente ligado ao nosso coração e pulmão, são movimentos internos, ininterruptos, essenciais para nosso desenvolvimento e crescimento. Esses importantes órgãos nos ensinam sobre a grandiosidade da contração, da expansão e da pausa, movimentos estes presentes em toda a natureza (BURKHARD, 2016).

Se observarmos os períodos de desenvolvimento do ser humano perceberemos algumas relações com os ciclos da natureza. A criança para aprender a andar demora geralmente o mesmo tempo em que a Terra faz um movimento de translação, que é uma volta em torno do sol, ou seja, um ano; nós nos guiamos pela luz do sol que está relacionada ao movimento de rotação da Terra em torno de si mesma produzindo o período de um dia. Segundo Luiza Lameirão

Quem vivencia o ritmo percebe que as coisas têm um tempo para acontecer e desenvolve confiança na vida. A criança precisa de ritmo para se firmar no mundo com saúde. Cada amanhecer é como se ela crescesse para a atividade, assim como o sol sobe do horizonte ao zênite até o meio dia. E assim como a partir do meio-dia o sol vai descendo do zênite ao horizonte, até o entardecer, a criança vai decrescendo para a atividade. O mais importante é como aproveitamos esse impulso que a criança traz no amanhecer de crescer para a atividade. Esse fato indica, por exemplo, porque é mais propício o período da manhã para as crianças pequenas se ativarem (LAMEIRÃO, s/d).

Existe dentro de nós um microcosmo que acompanha esse macrocosmo que é a natureza e o universo. Ao acompanharmos a natureza interna dos órgãos, respeitamos seu desenvolvimento, pois estamos intimamente ligados com os ritmos da natureza, nos orientamos muito pela luminosidade, pelo sol. Os períodos, os ritmos oriundos da natureza como o dia e a noite, a semana, meses, estações do ano, as fases da lua, as marés, a posição dos astros etc., exercem grande influência sobre nós. A natureza vem nos ensinar os ritmos saudáveis para o nosso desenvolvimento (STEINER, 2017). Podemos notar essa ação quando observamos, por exemplo, que uma semente que sofre um processo de aceleração da sua maturação não vai gerar bons frutos. Precisamos respeitar o tempo necessário para cada fase de crescimento.

Encontramos, ao observar as plantas, os movimentos de contração nas sementes e o de expansão no crescimento dos caules e raízes. Observamos ainda que as pausas são tão

necessárias quanto o movimento em si, uma vez que são nessas pausas que se iniciam todo o processo novamente. Elas se apresentam tão importantes quanto os outros dois movimentos. As pausas convidam à interiorização, ao refazimento, prepara para um novo recomeço. Na criança, a expansão também se manifesta com o crescimento, denominado também por estirões; a contração existe na fase da repleção quando há alargamento do tronco e entre um e outro, a pausa.

Ciclos contínuos com alternâncias entre a contração, expansão e pausas, além de gerarem vitalidade, diminuem o cansaço e a ansiedade e nos aproxima da natureza (LAMEIRÃO, s/d). Podemos citar três situações que caracterizam esses momentos de pausas em que há intervalos dentre as muitas atribuições a que somos submetidas ao longo do dia: uma atividade de lazer que interrompa cobranças e exigências e nos traz refazimento; momentos de reflexão e meditação, que também têm esse efeito regulador das energias, trazem uma interiorização do eu; e o sono, seja ele num período maior durante a noite ou a sesta no meio do dia, renovando e trazendo vitalidade.

Conhecer os ritmos e a sequência com que ocorrem também traz segurança e calma, pois a certeza de que algo se repetirá - como o sol que irá nascer no dia seguinte - traz a sensação de nova oportunidade, de recomeço e isso nos tranquiliza e nos faz sentir confiantes de novas oportunidades, segurança para seguir.

O ritmo também se faz presente nos espaços. Um ambiente com muitos objetos, muitas informações trazem excitação e provocam movimento, agitação e até mesmo irritação. Ambientes com pouca luminosidade, com materiais calorosos e acolhedores, com espaços vazios trazem a calma e desaceleram (FIGUEIREDO, 2009). Numa sala de Educação Infantil, as crianças podem encontrar e ler essas nuances e se moldam com o que for disponibilizado para elas. Um espaço bem organizado, com caixas organizadoras, com lugares definidos para determinados objetos, trazem a informação do limite para as crianças.

O ritmo se estabelece também no espaço quando esse auxilia a ditar a hora de cada brincadeira ou atividade. Fazendo uma comparação com o corpo humano, percebemos no sistema digestivo esse processo de separação dos alimentos, organização, divisão, etc.

Conhecer os ritmos e a sequência com que ocorrem também traz segurança e calma, pois a certeza de que algo se repetirá traz a sensação de nova oportunidade, de recomeço e isso tranquiliza e nos faz sentir confiantes de novas oportunidades, segurança para seguir.



## **Considerações finais**

Se as e os profissionais da área da educação, as famílias e responsáveis se atentassem tanto para o desenvolvimento orgânico das crianças, quanto se preocupam com a parte cognitiva, se observassem as necessidades físicas que elas apresentam e equilibrassem com as necessidades emocionais e cerebrais, perceberão o quanto é prejudicial para o crescimento e desenvolvimento delas a preocupação excessiva sobre a parte intelectual que tantos adultos buscam como se estivessem numa corrida para ver quem “sabe” mais. Os estudos apresentados neste trabalho trouxeram subsídios para que possamos nos basear e nos fundamentar nas pesquisas para proporcionar meios e ferramentas adequadas e condizentes com as necessidades das crianças.

Trazer à consciência aspectos tão relevantes no processo educacional promove harmonia no desenvolvimento do ser, respeitando o tempo e as condições de crescimento de cada fase. É de fundamental importância que conhecimentos e informações como estas se propaguem e se difundam cada vez mais, para mais e mais pessoas. São informações valiosas que beneficiam e auxiliam muito no processo do desenvolvimento infantil.

Considerar a criança na sua totalidade e conhecer os processos constitutivos do seu desenvolvimento já trazem bastante elementos que conduzirão as práticas educativas, que irão requerer estudos sobre como se processa o desenvolvimento quando se tem sistemas autônomos que se relacionam entre si, atuando dentro de um único corpo com predominâncias variáveis entre eles, em diferentes períodos de tempos.

A educação das crianças pequenas é uma questão social, as impressões causadas nas crianças repercutirão na sua vida adulta. Enfermidades, doenças, traumas, todas essas mazelas trazem desequilíbrio à sociedade. Requerem recursos na área da saúde para tratar pessoas doentes, programas de ajuda psicológica, assistência social. Se governantes e autoridades responsáveis se atentassem para o início desses conflitos, promoveriam mais recursos, mais formação para subsidiar uma educação mais qualificada para atender as reais necessidades das crianças.

Acelerar o crescimento, prover conhecimento cada vez mais cedo, seria realmente o melhor? Seria o necessário? Diminuir as brincadeiras, o tempo livre e ocupar a criança com aulas de idiomas, com aulas de reforço para preparar para os concursos, vestibulares, seria realmente o que as crianças precisam?

A natureza nos ensina a esperar, a respeitar e a aceitar o tempo de cada coisa, de cada ser. A sabedoria dos processos e suas conquistas nos dão as respostas, o caminho a percorrer. As evidências e os resultados dos processos atuais não são imediatistas, trazem consequências a longo prazo. Assim a correspondência com a causa originária fica mais complexa e dificultosa de se correlacionar

Diante de todo o exposto, poder oferecer uma escola de educação infantil onde cada criança que chega é recebida com toda a trajetória de vida que a compõe, seu sistema familiar, seu campo de atuação, é a proposta do Centro Educacional Fernando Pessoa. Toda criança é um universo particular, e usufruir da sua companhia, podendo fazer parte da sua história pode ser um privilégio para aqueles que saibam reconhecer essa oportunidade. Cada encontro com cada criança é um aprendizado, cada fenômeno a ser observado é uma riqueza de conhecimentos. Assim, continuamos nossa construção de uma escola em que possamos cada vez mais aprender com as crianças, agregando todo estudo e ciência que traga aprendizado.

Link da apresentação: <https://youtu.be/bD8d3Lns6NM>

## REFERÊNCIAS

AEPPLI, Willi. **O Organismo Sensório sua perda seu cultivo.** A Teoria dos Sentidos de Rudolf Steiner no seu significado para educação. Convívio Escola Guimarães Rosa, Ribeirão Preto, SP. Edição do Autor, 1991, SP. Editora Antroposófica, 2002.

Associação Brasileira de Medicina Antroposófica. ABMA. Disponível em: <http://abmanacional.com.br/institucional/a-medicina-antroposofica/antroposofia-na-saude/>. Acesso em 27 de maio de 2021.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante.** Rio de Janeiro: Campus, 1988

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

Brasil Escola. Site. Monografias Brasil Escola. Publicado por: Renata Gonçalves. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/psicologia/piaget-vygotsky--diferencas-semelhancas.htm>. Acesso em 28 de maio de 2021.

BURKHARD, Gudrun. **Tomar a vida nas próprias mãos.** Como trabalhar na própria biografia o conhecimento das leis gerais do desenvolvimento humano. 6ª edição. São Paulo. Antroposófica. 2016.

DAHLKE, Rüdiger. **A doença como linguagem da alma na criança:** interpretação e significado de quadros clínicos em crianças e seu tratamento holístico. São Paulo: Cultrix, 2014.

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. **Corporeidade na Escola.** Brincadeiras, Jogos e Desenhos. Universidade Federal de Pelotas/RS. Brasil. 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2BO-0yD0nGwC&oi=fnd&pg=PA7&dq=brincar+como+desenvolvimento+da+corporalidade+da+crian%C3%A7a&ots=yz15IkeeZI&sig=-8MoDVanw9TC73J-PaJTFPRtKRg#v=onepage&q=brincar%20como%20desenvolvimento%20da%20corporalidade%20da%20crian%C3%A7a&f=false>. Acesso em: 17/05/2020.

KÁLLÓ, Eva; BALOG, Györgyi. **As origens do brincar livre.** São Paulo. 2017.

KISHIMOTO Tizuko Morchida. **BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL– Importância do brincar para a criança de 0 a 5 anos e 11 meses.** FE-USP. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas

Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em:  
<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>. Acesso em 29 de junho de 2021.

KÖNIG, Karl. **Os três primeiros anos da criança**. A conquista do andar, do falar e do pensar e o desenvolvimento dos três sentidos superiores. São Paulo: Antroposófica, 2014.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **O ritmo para o ambiente propício à criança**. FEWB – Federação das Escolas Waldorf no Brasil. São Paulo/SP. Disponível em:  
[http://www.fewb.org.br/covid\\_artigo\\_ritmo.html](http://www.fewb.org.br/covid_artigo_ritmo.html). Acesso em 05 de maio de 2021.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf**. Caminho para ensino mais humano. 10ª ed. São Paulo: Antroposófica. 2011.

LIEVEGOED, Bernard. **Desvendando o Crescimento**. As Fases Evolutivas da Infância e da Adolescência. Tradução Rudolf Lanz. Editora Antroposófica. 2007

LISBOA, Felipe Stephan. **O Cérebro vai à escola**. Aproximações entre Neurociências e Educação no Brasil. Jundiaí/SP. Paco Editorial. 2015.

SANTOS, Cristiane Pereira dos, et al. O método Padovan de reorganização neurofuncional sob a ótica da fenomenologia da trimemoração pela medicina antroposófica. **Arte Médica Ampliada**. Vol. 37 | N. 4 | Outubro / Novembro / Dezembro de 2017.  
[http://site.prosinapse.com.br/wp-content/uploads/prosinapse\\_site/2019/06/2017fenomenologiadatrimemoraao.pdf](http://site.prosinapse.com.br/wp-content/uploads/prosinapse_site/2019/06/2017fenomenologiadatrimemoraao.pdf). Acesso 04 de outubro de 2020.

STEINER, Rudolf. **Andar, Falar e Pensar**. A Atividade Lúdica. São Paulo. 2014.

\_\_\_\_\_. **Os três aprendizados da primeira infância e a configuração do destino**. São Paulo: Antroposófica, 2017.

WAJSKOP, Gisela. O Brincar na educação infantil. PUC. Cad. Pesq. São Paulo, n92, p. 62-69, fev. 1995 Disponível em: <file:///C:/Users/cynti/Downloads/Dialnet-OBrincarNaEducacaoInfantil-6208114.pdf>. Acesso em 01 de julho de 2021.